



RAMALHO, Christina. Cordel épico. *Cordel épico. Cordel épique. Epic cordel*. In: **Revista Épicas**. Ano 3, Número Especial 2, Set 2019, p. 1-9. ISSN 2527-080X.

CORDEL ÉPICO/CORDEL ÉPICO/CORDEL ÉPIQUE/EPIC CORDEL

Christina Ramalho¹

1.

O “folheto de cordel” é uma forma de literatura popular típica do nordeste do Brasil, cuja origem é amplamente discutida por especialistas. Da importação da literatura popular da Península Ibérica, à influência de tradições europeias como os *pliegos sueltos* e as *folhas volantes* (MENDONÇA, 2018) ou a *littérature de colportage* francesa, diversas são as visões acerca das heranças recebidas, visto que temáticas épicas europeias, como o “ciclo troiano” e o “ciclo de Carlos Magno”, podem ser encontradas no repertório do cordel brasileiro. No entanto, também há correntes teóricas que relacionam o cordel nordestino à tradição das “cantorias”, manifestação oral própria dessa região do Brasil. A perspectiva histórica da tradição do cordel no Brasil é, portanto, tema vasto, que merece leituras à parte do enfoque dado nesta descrição do subgênero “cordel épico”.

¹ Professora-Doutora (Letras, UFRJ, 2004) da Universidade Federal de Sergipe. Coordenadora, com Margaret Anne Clarke, do GT 5 – Historiografia épica. Membro do REARE, do GELIC e do IIS.

Cavignac explica que os folhetos de cordel se caracterizam por serem “relatos em versos difundidos sob a forma de livretos de oito, dezesseis ou trinta e duas páginas” (2006, p. 77). Marc Curran, por sua vez, declara que o cordel “Parecia-me (e hoje me parece ainda mais) ser, para o estrangeiro ou o não-participante da realidade cordeliana (a do poeta, do editor ou do público), *um retrato* de um povo, de uma maneira de viver, de um país e de sua visão dos eventos da época. O cordel realmente é uma crônica do século XX em toda sua grandeza” (2003, p. 12). Aderaldo Luciano, que enfatiza a autonomia do cordel nordestino, explica que os nordestinos brasileiros “herdaram a denominação Literatura de Cordel, dada aos folhetos em verso vendidos nas feiras, bem como testemunharam sua consagração” (2012, p. 10). Esse tipo de publicação, em geral, apresenta ilustração frontal na técnica da xilogravura, gravuras ou imagens fotográficas, e é vendido a preço módico em feiras e mercados populares.

Quanto aos subgêneros dos folhetos de cordel, uma das classificações mais conhecidas foi feita pelo escritor brasileiro Ariano Suassuna (1927-2014), que reconheceu seis diferentes “ciclos”: ciclo heroico; ciclo maravilhoso; ciclo religioso e de moralidades; ciclo cômico, satírico e picaresco; ciclo histórico e circunstancial; e ciclo de amor e fidelidade (DECA, 1962, p. 28). Outras divisões em subgêneros, períodos ou ciclos foram desenvolvidas por Gustavo Barroso, Eduardo Diatahy B. de Menezes e Ronald Daus, entre outros. De fato, é extensa a gama temática das expressões em cordel, que tanto podem penetrar nos domínios da tragédia, quanto nos da comédia, do lirismo, do didatismo etc. Estudo também interessante sobre os folhetos de cordel foi desenvolvido por Alberto Roiphe, em *Forrobodó na linguagem do sertão. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel* (2013). Na obra, o pesquisador aborda os aspectos temático, composicional e estilístico dessa manifestação da literatura brasileira.

Interessam-nos aqui, especificamente, os folhetos de cordel que desenvolvem uma matéria épica, ou seja, ou seja, obras que partem de uma temática que envolve um plano histórico, um plano maravilhoso e um heroísmo de características épicas, considerado, evidentemente, o sentido de maravilhoso, de história e de heroísmo relacionados à época de cada obra. Segundo Ronald Daus (1982, p. 6), os primeiros poemas épicos em cordel surgidos no Brasil datam de 1850. Os versos eram organizados exclusivamente em quadras até que, por volta de 1900 passaram a se apresentar também em sextilhas e septilhas. Por volta de 1940, segundo o mesmo autor,

apareceram os poemas organizados em décimas. Leandro Gomes de Barros (1868-1918) e Francisco das Chagas Batista (1882-1930) são os dois grandes nomes relacionados à origem dessa expressão literária popular brasileira.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

2.

El "folleto de cordel" es una forma de literatura popular típica del nordeste de Brasil, cuyo origen es ampliamente discutido por especialistas. De la importación de la literatura popular de la Península Ibérica, a la influencia de tradiciones europeas como los pliegos sueltos y las hojas volantes (MENDONÇA, 2018) o la *littérature de colportage* francesa, diversas son las visiones acerca de las herencias recibidas, ya que temáticas épicas europeas, como el "ciclo troyano" y el "ciclo de Carlomagno", se pueden encontrar en el repertorio del cordel brasileño. Sin embargo, también hay corrientes teóricas que relacionan el cordel nordestino a la tradición de las "cantorias", manifestación propia de esa región de Brasil. La perspectiva histórica de la tradición del cordel en Brasil es, por lo tanto, tema vasto, que merece lecturas aparte del enfoque dado en esta descripción del subgénero "cordel épico".

Cavignac explica que los folletos de cordel se caracterizan por ser relatos en versos difundidos en forma de folletos de ocho, dieciséis o treinta y dos páginas (2006, p. 77). Marc Curran, por su parte, declara que el cordel le pareció (y hoy parece aún más) ser, para el extranjero o el no participante de la realidad *cordeliana* (la del poeta, del editor o del público), un retrato de un pueblo, de una manera de vivir, de un país y de su visión de los acontecimientos de la época. El cordel, según el autor, es realmente una crónica del siglo XX en toda su grandeza (2003, p.12). Aderaldo Luciano, que enfatiza la autonomía del cordel nordestino, explica que los nordestinos brasileños heredaron la denominación Literatura de Cordel, dada a los folletos en verso vendidos en las ferias, así como testimoniaron su consagración (2012, p.10). Este tipo de publicación, en general, presenta ilustración frontal en la técnica de la xilografía, grabados o imágenes fotográficas, y se vende a un precio módico en ferias y mercados populares.

En cuanto a los subgéneros de los folletos de cordel, una de las clasificaciones más conocidas fue la hecha por el escritor brasileño Ariano Suassuna (1927-2014), que

reconoció seis diferentes ciclos: ciclo heroico; ciclo maravilloso; el ciclo religioso y la moralidad; el ciclo cósmico, satírico y picaresco; ciclo histórico y circunstancial; y el ciclo de amor y fidelidad (DECA, 1962, p.28). Otras divisiones en subgéneros, períodos o ciclos fueron desarrolladas por Gustavo Barroso, Eduardo Diatahy B. de Menezes y Ronald Daus, entre otros. De hecho, es extensa la gama temática de las expresiones en cordel, que tanto pueden penetrar en los dominios de la tragedia, como en los de la comedia, del lirismo, del didatismo etc. El estudio también interesante sobre los folletos de cordel fue desarrollado por Alberto Roiphe, en *Forrobodó na linguagem do sertão. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel* (2013). En la obra, el investigador aborda los aspectos temáticos, composicionales y estilísticos de esa manifestación de la literatura brasileña.

Nos interesan aquí, específicamente, los folletos de cordel que desarrollan una materia épica, es decir, obras que parten de una temática que envuelve un plano histórico, un plan maravilloso y un heroísmo de características épicas, considerado, evidentemente, el sentido de maravilloso, de historia y de heroísmo en la época de cada obra. Según Ronald Daus (1982, p. 6), los primeros poemas épicos en cordel surgidos en Brasil datan de 1850. Los versos eran organizados exclusivamente en cuabras hasta que, alrededor de 1900 pasaron a presentarse también en sextillos y septilas. En torno a 1940, según el mismo autor, aparecieron los poemas organizados en décimas. Leandro Gomes de Barros (1868-1918) y Francisco das Chagas Batista (1882-1930) son los dos grandes nombres relacionados con el origen de esa expresión literaria popular brasileña.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

3.

La « brochure de Cordel » est une forme de littérature populaire typique du nord-est du Brésil, dont l'origine est largement discutée par les chercheurs. Le l'importation de la littérature populaire de la péninsule ibérique à l'influence des traditions européennes comme *pliegos sueltos* et las *folhas volantes* (MENDONÇA, 2018) ou la *littérature de colportage* française, diverses sont les vues sur l'héritage reçu, depuis que thématiques européennes, comme Le « cycle de Troie » et le « cycle Charlemagne » se retrouvent dans le répertoire de la chaîne brésilienne. Cependant, il

existe également des courants théoriques qui relient le cordel nord-est à la tradition des «*cantorias*», une manifestation de cette région du Brésil. La perspective historique de la tradition du cordel au Brésil est si vaste sujet qui mérite la lecture en dehors de cette description du sous-genre « cordel épique».

Cavignac explique que les « folhetos de cordel » sont caractérisés par être rapports en versets diffusés sous forme de brochures avec huit, seize ou trente-deux pages (2006, p. 77). Marc Curran, à son tour, indique que le cordel le semblait être (et aujourd'hui semble encore plus), pour l'étrangers ou non-participant de la réalité *cordeliana* (le poète, l'éditeur ou le public), un portrait d'un peuple, d'un mode de vie, d'un pays et de leur vision des événements de l'époque. Selon lui, le cordel est vraiment une chronique du XXe siècle dans toute sa grandeur (2003, p.12). Aderaldo Luciano, qui met l'accent sur l'autonomie du cordel, explique que les brésiliens du Nord-Est du Brésil ont hérité la désignation « Littérature de Cordel » donnée aux brochures en vers vendus à des foires et ils ont été témoins de leur consécration (2012, p.10). Ce type de publication présente généralement des illustrations de face dans l'art de la gravure sur bois, de la gravure ou des images photographiques et est vendu à des prix raisonnables dans les foires et les marchés populaires.

En ce qui concerne les sous-genres du *folheto de cordel*, l'une des meilleures classifications connues a été prise par l'écrivain brésilien Ariano Suassuna (1927-2014), qui a reconnu six différents « cycles »: le cycle héroïque; cycle merveilleux cycle religieux et morale; cycle comique, satirique et picaresque; cycle historique et circonstanciel; et un cycle d'amour et de fidélité (DECA, 1962: 28). D'autres divisions, sous-genres périodes ou cycles ont été mis au point par Eduardo Diatahy B. de Menezes e Ronald Daus, entre autres. En fait, le thème est vaste gamme d'expressions sur une ligne, qui peut être soit dans les domaines de la tragédie, comme dans la comédie, le lyrisme, le didactisme, etc. Une étude intéressante sur les *folhetos de cordel* a également été réalisée par Alberto Roiphe, à *Forrobodó na linguagem do sertão. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel* (2013). Dans le travail, le chercheur aborde les aspects thématiques, compositionnels et stylistiques de cette manifestation de la littérature brésilienne.

Nous sommes particulièrement intéressés par les folhetos de cordel qui développent une matière épique, c'est-à-dire des œuvres en cordel qui partent d'un

thème comportant un plan historique, un plan merveilleux et l'héroïsme avec des caractéristiques épiques, bien entendu le sens de l'émerveillement, de l'histoire et de l'héroïsme à l'époque de chaque œuvre. Selon Ronald Daus (1982, p. 6), les premiers *cordeis* épiques bresiliens sont de 1850. Les poèmes ont été disposés exclusivement dans strophes de quatre versets jusqu'à, vers 1900, quand ils ont commencé à être présenter en strophes de six et sept versets. Vers 1940, selon le même auteur, des poèmes sont apparus organisés en dix versets. Leandro Gomes de Barros (1868-1918) et Francisco das Chagas Batista (1882-1930) sont les deux grands noms liés à l'origine de cette expression littéraire populaire brésilienne.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS)

4.

The “cordel leaflet” is a form of popular literature typical of northeastern Brazil, whose origin has been widely discussed by scholars. The cordel may be traced back to several different heritages, from the importation of popular literature from the Iberian Peninsula, to the influence of European traditions such as *pliegos sueltos* and *folhas volantes* (MENDONÇA, 2018) or the French *littérature de colportage*, since European epic themes such as the "Trojan cycle" and the "Charlemagne cycle" can be found in the repertoire of the Brazilian cordel. However, other theoretical currents relate the Northeast cordel to the tradition of “*cantorias*”, an oral manifestation of this region of Brazil. The historical perspective behind the cordel tradition in Brazil is, therefore, a vast subject, which deserves more detailed readings beyond the standard description of the subgenus known as “epic cordel”.

Cavignac explains that the fundamental characteristic of cordel leaflets are as narrative verses extended in booklet form of eight, sixteen or thirty-two pages (CAVIGNAC, 2006, p. 77). Marc Curran, in turn, declares that in the eyes of the foreigner poets, editors or the public who are non-participants in the tradition, the cordel is a portrait of a people, of a way of life, of a country and of their vision of the events of the time. Indeed, the cordel is, in Cavignac's view, a chronicle of the twentieth century in all its grandeur (2003, p.12). Aderaldo Luciano, who emphasizes the autonomy of the

northeastern cordel, explains that the Brazilian Northeasterners in fact inherited and expanded the status of the cordel as literature, even if in the form of leaflets sold in fairs, as well as witnessed their consecration (2012, p.10). These publications generally present a front cover illustration in the art of woodcut, engraving or photographic images, and are sold for a small price in fairs and popular markets.

Regarding the more precise definition of the subgenres of cordel leaflets, one of the best known classifications was constructed by the Brazilian writer Ariano Suassuna (1927-2014), who recognized six different "cycles": a heroic cycle; a cycle of the marvellous; religious cycle and morality; comic, a satirical and picaresque cycle; historical and realist cycle; and a cycle of love and fidelity (DECA, 1962, p. 28). Other divisions in subgenres, periods or cycles were developed by Gustavo Barroso, Eduardo Diatahy B. de Menezes and Ronald Daus, among others. In fact, the thematic range of expression in the cordel, which can penetrate the realm of tragedy as well as into comedy, lyricism, didacticism, etc., is extensive. Another interesting study on cordel leaflets was developed by Alberto Roiphe, in *Forrobodó na linguagem do sertão. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel* (2013). In this work, the scholar approaches the thematic, compositional and stylistic aspects of this type of Brazilian literature.

We are interested specifically in the "folhetos de cordel" which develop from the base epic matter, that is to say cordel works which begin with a theme comprising a historical plane, a marvelous or divine plane and a heroic schema with epic characteristics, evoking the sense of wonder, history and heroism of the era in which the epics were produced. According to Ronald Daus (1982, p.6), the earliest epic "folhetos de cordel" in Brazil date back to 1850. The verses were organized exclusively in stanzas with four verses until, around 1900, they also appeared in six and seven verses by stanza. Around 1940, according to the same author, similar poetic forms appeared organized in tenths. Leandro Gomes de Barros (1868-1918) and Francisco das Chagas Batista (1882-1930) are the two great names of poets of cordel related to the origin of this popular Brazilian literary expression.

(Christina Ramalho – UFS/CIMEEP/REARE/IIS – English translation by Margaret Anne Clarke)

Referências/Referencias/Références/References

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e de folhetos**. Campinas: Mercado das Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ANDRIES, Lise; BOLLÈME, Geneviève. **La bibliothèque bleu : littérature de colportage**. Paris : Robert Laffont, 2003.
- BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.
- CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**: Da história escrita ao relato oral. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EdUFRN, 2006.
- CURRAN, Marc. **A literatura de cordel**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.
- DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- DECA**, Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística. Recife, ano IV, no. 5, 1962.
- LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.
- MENDONÇA, Luciara Leite de. **Quatro representações de Zumbi dos Palmares em cordel épico**. São Cristóvão: PPGL/UFS, 2018. Dissertação de Mestrado.
- MENEZES, Diatahy B. de Menezes. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. Disponível em: . Acesso em: 13/08/2018.
- PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão**. Rio de Janeiro: Presença Edições; [Natal]: Fundação José Augusto, 1984.
- ROIPHE, Alberto. **Forrobodó na linguagem do sertão**. Leitura verbo-visual de folhetos de cordel. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2013.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- SILVA, João Melchíades Ferreira da. **Feira de versos**: poesia de cordel. São Paulo: Ática, 2005.
- SOUSA, Liêdo Maranhão de. **Classificação popular da literatura de cordel**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SUASSUNA, Ariano. A compadecida e o romanceiro nordestino. In: _____. **Literatura popular em verso**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1972, p. 153-164

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

RAMOS, Amanda da Silva; PINTO, Maria Isaura Rodrigues. A questão temática no âmbito da literatura de cordel. In: **Linguagem em (Re)vista**, vol. 10, n. 19. Niterói, jan.-jun./2015, p. 1-25.